



## ARTIGOS PRINCIPAIS

---

### **Transformação religiosa e implicações de gênero na comunidade quilombola de Sítio Alto: um estudo sobre catolicismo, pentecostalismo e meio ambiente**

*Religious Transformation and Gender Implications in the Quilombola Community of Sítio Alto: a Study on Catholicism, Pentecostalism, and the Environment*

Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa \*

**RESUMO:** Neste estudo, investigamos a transformação religiosa na comunidade quilombola de Sítio Alto, no Nordeste brasileiro, ao transitar do catolicismo para o pentecostalismo. O objetivo é compreender as implicações de gênero nesse processo, destacando o papel das mulheres na preservação das práticas religiosas, considerando que D. Josefa, líder comunitária, fundou a comunidade. Analisamos, também, a relação entre religião e meio ambiente, explorando como essa conexão impacta a terra e questões de sustentabilidade. O estudo aborda a religiosidade africana, o catolicismo popular e o pentecostalismo, e suas influências nas dinâmicas culturais e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade quilombola. Gênero. Diversidade religiosa. Catolicismo. Pentecostalismo.

**ABSTRACT:** In this study, we investigate the religious transformation in the quilombola community of Sítio Alto, in northeastern Brazil, as it transitions from Catholicism to Pentecostalism. The objective is to understand the gender implications of this process, highlighting the role of women in preserving religious practices, considering that community leader D. Josefa founded the community. We also analyze the relationship between religion and the environment, exploring

---

\* Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

how this connection impacts land and sustainability issues. The study addresses African religiosity, popular Catholicism, and Pentecostalism, and their influences on cultural and social dynamics.

**KEYWORDS:** Quilombola community. Gender. Religious diversity. Catholicism. Pentecostalism.

## *Introdução*

A transformação religiosa é um fenômeno complexo que atravessa sociedades em todo o mundo, e a comunidade quilombola do Sítio Alto, no interior do Nordeste brasileiro, reflete essa dinâmica. Este estudo examina a gradual adoção do pentecostalismo por esse grupo, antes vinculado ao catolicismo e agora cada vez mais alinhado a essa nova expressão de fé. Além do aspecto espiritual, essa mudança afeta dimensões sociais e culturais, trazendo questões sobre seu impacto nas relações de gênero, nas estruturas comunitárias e nas identidades religiosas locais.

A comunidade de Sítio Alto encontra-se situada no interior do estado de Sergipe, a uma distância aproximada de 8 quilômetros da sede do município. Sua localização geográfica é caracterizada pela presença de uma montanha, conferindo à comunidade o nome de “Sítio Alto”. No ano de 2015, essa comunidade era habitada por cerca de 112 famílias, totalizando uma população de 505 habitantes, conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social<sup>1</sup>.

É importante ressaltar que Sergipe abriga, aproximadamente, 30 comunidades quilombolas registradas pela Fundação Cultural Palmares, das quais oito já foram objeto de visitas durante a implementação de projetos de pesquisa. A comunidade Sítio Alto figura entre aquelas que foram incluídas nesse levantamento, como destacado por Roberto Lacerda em seu relato de 2017. Lacerda (2017, p. 9) afirma que:

as comunidades quilombolas, muito mais que espaços de agrupamento de escravizados fugitivos, se constituíram, ao longo do tempo, como territórios de resistência e preservação dos valores, saberes e práticas da cultura afro-brasileira. A partir de uma cosmovisão includente, holística e integral, o cuidado com as pessoas e o meio ambiente foi determinante para a sobrevivência física e cultural das populações afrodescendentes frente ao sistema escravocrata, e ao racismo, estruturante da sociedade brasileira, e persistente até os dias atuais [...].

---

<sup>1</sup> ABELHA, Chico. Dona Josefa – Quilombo Sítio Alto, SE. 25 fev. 2021. Vídeo Youtube (1h7min20). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-VWT0qI-S\\_Y#:~:text=A%20comunidade%20S%C3%ADtio%20Alto%20est%C3%A1%20localizada%20no,local%2C%20totalizando%20505%20habitantes%20segundo%20dados%20da](https://www.youtube.com/watch?v=-VWT0qI-S_Y#:~:text=A%20comunidade%20S%C3%ADtio%20Alto%20est%C3%A1%20localizada%20no,local%2C%20totalizando%20505%20habitantes%20segundo%20dados%20da). Acesso em: 26 mai. 2024.

Levando em consideração as palavras do autor acima, as comunidades quilombolas desempenham um papel significativo na preservação da cultura afro-brasileira, sendo muito mais do que simples espaços de refúgio para escravizados fugitivos. Elas se destacam por adotar uma cosmovisão inclusiva, holística e integral, que reconhece a profunda interconexão entre os seres humanos e o meio ambiente. Esse enfoque no cuidado com pessoas e ambiente foi crucial para a sobrevivência física e cultural das populações afrodescendentes em face do sistema escravocrata e do racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira, que persiste até os dias atuais (Lacerda, 2017, p. 9).

A resistência cultural nas comunidades quilombolas não se limita à preservação da identidade, mas também se manifesta em práticas sustentáveis que garantem a continuidade dos modos de vida tradicionais. A relação das mulheres com o meio ambiente, especialmente no cultivo de ervas medicinais e sementes crioulas, exemplifica como a espiritualidade e a sustentabilidade caminham juntas. Nesse sentido, o cuidado com a terra não é apenas um ato de sobrevivência, mas também um elemento de resistência frente às transformações religiosas e às pressões externas que buscam homogeneizar suas práticas.

Outra característica abordada na comunidade do Sítio Alto é o foco na influência das mulheres dentro deste espaço. Elas desempenham um papel crucial na preservação e transmissão das práticas religiosas, além da dança de roda com as canções escritas pela líder comunitária, D. Josefa, uma das fundadoras da comunidade quilombola. Com o tempo, os filhos e filha da comunidade trouxeram o pentecostalismo para dentro do quilombo, e suas práticas foram se entrelaçando com o catolicismo, a dança de roda e outras expressões culturais locais. Portanto, considerando essa liderança feminina, é imperativo analisar como as mulheres estão moldando e sendo afetadas por essa transformação religiosa.

O nosso primeiro contato com a comunidade mencionada ocorreu em 2017, quando fui convidada pelo doutor e pesquisador na área de saúde, Roberto Lacerda. Assim que chegamos, fomos impactados pelo acolhimento de D. Josefa, uma figura notável. Mulher ativa e líder comunitária, ela é rezadeira, praticante da Umbanda e da ervaria, além de ser uma influente líder cultural e compositora. Desde os primeiros passos na comunidade, ficou evidente que ali, cada gesto, cada palavra e cada rito carregavam a força de uma ancestralidade viva, preservada e reinventada no cotidiano.

Dona Josefa é referência política e cultural do Sítio Alto. Principal ativista pela defesa dos direitos quilombolas à saúde, território e meio ambiente sustentável na comunidade. Ela possui uma trajetória de luta junto as Instituições de Sergipe, em busca de melhorias para a comunidade. Por ser a presidente da Associação local, Dona Josefa possui influências entre os

moradores e estabelece contato constante com diversos órgãos do Governo Municipal e Estadual, que atuam com programas e projetos sociais, em busca de captação de recursos. É por intermédio dela que ocorre a agenda de compromissos e encontros em diversos municípios de Sergipe e em toda região Nordeste, esses municípios tratam de questões ligadas à educação, território, manifestações culturais e programas sociais (Correa, 2020, p. 23).

Como presidente da Associação local, Dona Josefa exerce influência entre os moradores e mantém contato constante com órgãos do Governo Municipal e Estadual, que atuam em programas e projetos sociais (Correa, 2020, p. 23). Essa articulação é fundamental para a captação de recursos e o desenvolvimento de ações que beneficiam a comunidade. Além disso, é uma referência na cultivação de sementes crioulas e se destaca como ativista na defesa dos direitos quilombolas, abrangendo áreas como saúde, território, meio ambiente sustentável e preservação das sementes tradicionais.

Lacerda (2017, p. 9) destaca a riqueza de saberes e práticas tradicionais presentes na comunidade Sítio Alto, que refletem uma articulação única entre saúde, meio ambiente e cultura,

entre os saberes e práticas que articulam saúde e meio ambiente, destacamos a utilização de plantas medicinais, as práticas de reza e benzedura, a conservação de sementes crioulas e as danças circulares samba de coco e dança de roda. Identificamos a territorialidade da resistência, a territorialidade do cuidado e a territorialidade da esperança como traços comuns às duas comunidades na conexão de saberes e práticas que articulam saúde e ambiente.

Assim, D. Josefa deixa evidente sua preocupação com a Mãe Terra. Este estudo, portanto, investiga a relação entre religião e natureza, analisando como as crenças da comunidade influenciam sua percepção ambiental e sua visão de sustentabilidade. Esse aspecto destaca a interseção entre espiritualidade e meio ambiente, que desempenha um papel central na vida cotidiana da comunidade.

A diversidade religiosa é marcante no Sítio Alto, onde religiões de matriz africana, catolicismo e pentecostalismo coexistem e interagem, criando um cenário plural e dinâmico. Essa pluralidade favorece o diálogo e o respeito entre diferentes tradições. Além disso, a atuação de Dona Josefa, líder religiosa de matriz africana e ativista em questões sociais, e de sua filha Maria, pentecostal, ambas ocupando espaços de poder e visibilidade no quilombo, evidencia a relevância da igualdade de gênero na liderança comunitária, independentemente das diferenças religiosas. Nesse contexto, este estudo busca contribuir para a mitigação do racismo religioso e para a construção de uma sociedade mais inclusiva, destacando a importância da convivência harmônica entre distintas tradições.

Do exposto, a questão central deste artigo emerge: como a passagem do catolicismo para o pentecostalismo na comunidade quilombola de Sí-

tio Alto tem transformado as relações de gênero, a interação com o meio ambiente, a diversidade religiosa e a dinâmica cultural e social?

Enquanto o uso de ervas era amplamente aceito dentro das práticas católicas e afro-brasileiras, a introdução do pentecostalismo trouxe novas interpretações sobre saúde e espiritualidade. A visão pentecostal rejeita o uso de plantas medicinais por associá-las a práticas religiosas consideradas incompatíveis com a nova fé. Essa mudança não apenas transforma as formas de cuidado dentro da comunidade, mas também altera as relações de poder entre aqueles que detêm conhecimento tradicional e aqueles que aderem à nova perspectiva religiosa.

A partir dessa interrogação, este estudo busca lançar luz sobre as complexas transformações em curso, bem como sobre os desafios e as oportunidades que emergem nesse processo.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a transformação religiosa na comunidade quilombola de Sítio Alto, no Nordeste brasileiro, à medida que o pentecostalismo se insere gradualmente em um contexto historicamente marcado pelo catolicismo e por práticas tradicionais, como o uso das ervas. Buscamos compreender como essa mudança impacta as dinâmicas de gênero, considerando o papel das mulheres na preservação e ressignificação das expressões religiosas locais.

Além disso, analisamos a relação entre a espiritualidade e a natureza, investigando como a rejeição pentecostal ao uso de ervas contrasta com a valorização dessas práticas e quais são as consequências dessa tensão para a conexão da comunidade com o meio ambiente e as questões de sustentabilidade.

Para alcançar os objetivos, esta pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, fundamentada em teorias socioantropológicas, histórico-sociais e psicossociais, buscando uma compreensão ampla e integrada dos processos em curso. Espera-se que os resultados contribuam para um entendimento mais profundo da interseção entre religião, cultura, sustentabilidade e pensamento social na comunidade quilombola de Sítio Alto, além de fornecer subsídios relevantes para iniciativas de desenvolvimento sustentável e preservação cultural em contextos semelhantes.

## ***1 Desigualdades em saúde e sustentabilidade ambiental: um chamado à valorização das comunidades tradicionais***

A população negra no Brasil tem enfrentado um histórico déficit no acesso à assistência à saúde desde a chegada dos primeiros africanos ao país. Um conjunto de desafios, incluindo a escassez de profissionais na

área e a exclusão dos sistemas de saúde até o final do século XX, levou essa população a recorrer predominantemente a práticas tradicionais para a manutenção da saúde. Em se tratado de comunidades tradicionais, Lacerda (2017, p. 15) enfatiza que

para compreender o papel das práticas tradicionais de cuidado em saúde nas comunidades quilombolas e as conexões existentes com o território e o meio ambiente numa perspectiva centrada da experiência das populações quilombolas é um desafio. Faz-se necessário romper a tradição acadêmica ocidental de visualizar as comunidades tradicionais com objetos de pesquisa, para entendê-los como agentes protagonistas de sua própria história.

Na visão de Lacerda (2017, p. 15), para compreender o papel das práticas tradicionais de cuidado em saúde nas comunidades quilombolas e sua relação com o território e o meio ambiente implica superar o tradicional, o que já foi posto pelo Ocidente; em vez disso, é fundamental reconhecê-las como protagonistas ativos de sua própria história. Isso requer uma mudança de perspectiva, na qual as vozes e experiências das populações quilombolas são valorizadas e consideradas essenciais para uma compreensão mais abrangente e precisa das complexas interações entre saúde, território e meio ambiente em seus respectivos contextos.

Krenak, por sua vez, ao criticar o antropocentrismo nas narrativas do mundo, converge com Lacerda ao rejeitar a ideia de que apenas os seres humanos são agentes históricos. Sua visão de “Futuro Ancestral”, “Pacha Mama” e “Mãe Terra” amplia o entendimento da existência para incluir os encantados, os elementos da natureza e as forças invisíveis que coabitam o mundo. Ele critica a redução das experiências humanas e não humanas à mediocridade de uma visão limitada, defendendo uma comunhão entre o corpo, o espírito e o ambiente.

Acontece que, nas narrativas de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças. Querem silenciar inclusive os encantados, reduzir a uma mímica isso que seria “espírita”, suprimir a experiência do corpo em comunhão com a folha, com o líquen e com a água, com o vento e com o fogo, com tudo que ativa nossa potência transcendente e que suplanta a mediocridade a que o humano tem se reduzido (Krenak, 2022, p. 20-21).

Krenak critica a visão limitada e exclusivista do ser humano como o centro de tudo, argumentando que essa visão desconsidera a riqueza das relações e experiências que transcendem as fronteiras do humano, incluindo o contato com a natureza e outras entidades que compõem o mundo. Sua crítica é uma chamada para uma visão mais ampla e respeitosa da existência, que valoriza a diversidade e as múltiplas conexões que enriquecem a experiência humana.

A concepção da “Mãe Terra” ou “Pacha Mama”, desempenha um papel fundamental em diversas culturas indígenas e tradicionais ao redor

do mundo. É uma visão holística que reconhece a Terra como uma entidade viva e sagrada, que merece respeito e cuidado por parte dos seres humanos. Nesse contexto, a Terra não é vista apenas como um recurso a ser explorado, mas como uma mãe que fornece sustento, vida e abrigo a todas as formas de vida. A Mãe Terra representa a interconexão de todas as coisas no planeta, incluindo seres humanos, animais, plantas e elementos naturais. Ela simboliza a importância de viver em harmonia com a natureza e de reconhecer a dependência mútua entre todos os seres vivos e os elementos naturais. Essa visão espiritual enfatiza a responsabilidade dos seres humanos em cuidar da Terra e de todas as suas criaturas (Krenak, 2022, p. 99).

Ambos os autores, portanto, corroboram ao propor uma ruptura com as epistemologias dominantes que ignoram a pluralidade de vozes e agentes. Enquanto Lacerda enfatiza as práticas tradicionais das comunidades quilombolas como formas legítimas e fundamentais de conhecimento e cuidado, Krenak amplia essa perspectiva ao incluir as dimensões cosmológicas e espirituais da relação com o ambiente, destacando a interdependência entre o humano e o não humano. Juntos, suas visões apontam para a urgência de construir narrativas inclusivas e holísticas que respeitem a diversidade ontológica e epistêmica das culturas e da natureza.

A comunidade de Sítio Alto reconhece a Mãe Terra como parte integrante de sua cosmovisão, o que é evidenciado pela ênfase na diversidade religiosa e no cuidado com o ambiente. A importância da preservação da Mãe Terra e a interconexão de todas as formas de vida com a natureza são princípios compartilhados entre ambas as perspectivas. Essa conexão profunda com a Terra desempenha um papel central tanto na espiritualidade das culturas tradicionais quanto na dinâmica da comunidade quilombola de Sítio Alto, refletindo a preocupação compartilhada com a sustentabilidade e o respeito pela vida em todas as suas formas.

Nesse sentido, os relatos de Dona Josefa evidenciam a profunda importância das práticas curadoras na comunidade. Ela enfatiza a Dança de Roda como uma coadjuvante na saúde da comunidade e a considera um ritual sagrado, não apenas uma forma de expressão cultural, mas também como um remédio de cura para toda a comunidade. Além disso, essa prática é vista como um veículo para a valorização da identidade quilombola.

Dona Josefa, ao discutir as práticas religiosas em Sítio Alto, revela sua conexão com a Umbanda, embora tenha interrompido sua participação ativa nos rituais. Nas narrativas de Dona Josefa, ela compartilha que, além da Umbanda, o quilombo de Sítio Alto abrigava um Terreiro de Candomblé, que era reconhecido e frequentado por pessoas de várias regiões, inclusive do Rio de Janeiro, em busca de tratamentos com uma mãe de santo renomada. Ela mesma reconhece que experimentou uma cura notável para

uma séria enfermidade na perna por meio de um tratamento com essa mãe de santo (Correa, 2017).

A evolução religiosa em Sítio Alto, refletida na transformação das crenças e práticas religiosas da comunidade, juntamente com a conversão de muitos de seus membros ao pentecostalismo, influenciou a decisão de Dona Josefa de abandonar suas práticas na Umbanda. Essa escolha foi motivada, em parte, pela intenção de evitar conflitos internos, especialmente considerando a idade avançada dela e de seu esposo, Sr. José, que também é um benzedor. Hoje em dia, Dona Josefa frequenta a Igreja Católica, uma mudança que ela descreve como “mais harmoniosa para todos” (Correa, 2017). Tanto que ela descreve essa mudança como “mais fácil para todos”, indicando uma adaptação às novas dinâmicas religiosas da comunidade e uma busca por harmonia.

## *2 Divergências espirituais: a jornada de mãe e filha por caminhos religiosos distintos*

O Brasil, como nação de extensão continental, continua a ser afetado por profundas desigualdades estruturais, que impactam de maneira desproporcional as camadas mais vulneráveis da sua população. Questões como violência, desigualdade social, e a falta de saneamento básico persistem como desafios relevantes para muitos brasileiros, mesmo em pleno século XXI. Uma análise da origem histórica do país revela diversos fatores que contribuíram para a manutenção dessas desigualdades, com ênfase especial na população feminina e negra, que continua a sofrer as consequências de práticas enraizadas em uma sociedade que resiste a abraçar programas progressistas e modernos. Schwarcz (2019, p. 27) destaca a escravidão como um sistema injusto que foi mantido através de artifícios legais, o que indica a profundidade da sua injustiça. O sistema escravocrata brasileiro chegou a um ponto em que não era mais exclusivo das elites, e, em vez disso, indivíduos de diversas classes sociais, incluindo padres, militares, funcionários públicos, artesãos, comerciantes, pequenos agricultores, grandes proprietários e até mesmo libertos, possuíam escravizados (Schwarcz, 2019, p. 27). Essa herança de barbáries que atentou contra a dignidade humana deixa um legado de consequências que ecoam até os dias atuais.

O mito da democracia racial amplamente difundido no Brasil oculta a persistência do preconceito racial e da discriminação com base na cor de pele, que moldaram um sistema repleto de desigualdades. As mazelas desse sistema persistem, afligindo e marginalizando a população negra. Ao longo da história brasileira, intelectuais e figuras brancas contribuíram para o apagamento e silenciamento dos negros e negras, tornando

evidente que o sistema escravocrata não pode ser considerado apenas uma parte do passado do país. O preconceito racial, as disparidades salariais, a falta de acesso aos espaços de poder e o privilégio branco continuam a perpetuar as marcantes diferenças resultantes da questão racial no Brasil.

Dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos apontam que negros trabalham ao menos duas horas a mais que brancos em sua jornada de trabalho. Essa discrepância acontece em todos os estados do Brasil e, ainda, mesmo trabalhando mais, a população negra, em média, recebe 30% a menos em seu salário. Os números são ainda piores quando o recorte é feito por gênero: mulheres negras precisam trabalhar o dobro de tempo para ter o mesmo salário que um homem branco<sup>2</sup> (Xavier; Correa, 2023, p. 4).

Os defensores da democracia racial no Brasil argumentam que brancos e negros convivem harmoniosamente, sem discriminação ou preconceitos. No entanto, estudiosos como Hasenbalg (1979 *apud* Xavier; Correa, 2023, p. 4) enfatizam que o mito da democracia racial tem sido usado para desmobilizar os negros e legitimar as persistentes desigualdades raciais desde o fim do período escravocrata. Isso evidencia a poderosa natureza integradora desse mito, que mascara as realidades das desigualdades raciais no país.

Além disso, Florestan Fernandes (1972 *apud* Xavier; Correa, 2023, p. 4) observa a existência de um preconceito reativo no Brasil. Segundo ele, existe uma aversão a ter preconceito, o que levou a uma inércia na melhoria da situação dos negros e na erradicação das misérias associadas ao seu destino na sociedade brasileira.

Cida Bento (2022 *apud* Xavier; Correa, 2023, p. 5) desvela o que ela denomina de “pacto da branquitude”, um sistema de proteção criado por brancos para brancos. Esse pacto garante a perpetuação de pessoas brancas em posições de poder, por meio do que é chamado de meritocracia. Nesse sistema, um segmento branco da população acumula recursos econômicos, políticos e sociais que perpetuam seus privilégios e benefícios a seus herdeiros. Isso resulta na continuidade de desigualdades, silenciamentos e violências que remontam à era colonial.

Assim, a teologia está intrinsecamente conectada às dinâmicas sociais e não pode ser separada delas, de acordo com a perspectiva de James Cone (1985). Isso implica que a teologia é influenciada pelas realidades sociais,

---

<sup>2</sup> Os dados foram divulgados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), no Mapa do negro no mercado de trabalho no Brasil, em junho de 1999 e combinados com informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) do IBGE.

incluindo questões de raça e gênero. A importação de uma teologia eurocêntrica por igrejas evangélicas no Brasil demonstra como as dinâmicas sociais globais, como a hegemonia eurocentrada, podem moldar a prática religiosa. Isso inclui representações de Jesus de traços europeus e a exclusão de vozes marginalizadas nas igrejas evangélicas.

James Cone (1985), argumenta que a teologia não é um exercício abstrato, mas está profundamente inserida nas realidades sociais. Na visão de Cone, a teologia deve responder aos contextos de opressão e luta vividos pelas comunidades marginalizadas. Cone critica a hegemonia de uma teologia eurocêntrica que ignora ou desvaloriza as experiências de pessoas negras, pobres e oprimidas. No contexto brasileiro, a importação de uma teologia com raízes eurocentradas reflete essas dinâmicas, evidenciadas por representações de Jesus com características europeias, que reforçam padrões coloniais de exclusão, além de marginalizar expressões culturais e religiosas locais. Assim, Cone desafia gerações e teólogos a refletirem e valorizarem as vozes das periferias sociais, articulando uma teologia que seja contextualizada, inclusiva e transformadora.

As relações entre as práticas religiosas são muitas vezes complexas, especialmente quando observadas em comunidades onde diferentes crenças coexistem. D. Josefa, uma devota da Umbanda, frequentadora da Igreja Católica e Maria, uma pentecostal fervorosa, representam um intrigante encontro de dois mundos religiosos em um contexto familiar específico. As escolhas religiosas de D. Josefa e Maria não são apenas reflexos de suas convicções espirituais individuais, mas também ilustram um fenômeno mais amplo de transformação religiosa em comunidades brasileiras, com ambas desempenhando papéis de liderança feminina. Duas mulheres da mesma família encontram e constroem significados religiosos diferentes, o que gera desafios e conflitos decorrentes dessas escolhas divergentes.

Ao longo da história, a compreensão de religião e teologia foram predominantemente moldadas por uma perspectiva essencialmente masculina, com homens liderando a interpretação e produção de conhecimento. Isso resultou em visões e abordagens que, em muitos casos, negligenciaram ou subestimaram a contribuição de diversos grupos para a compreensão da religião e das práticas religiosas. Essa dinâmica de domínio masculino, tanto nas esferas religiosas quanto no mercado de trabalho, contribuiu para a submissão de diversos grupos diante das questões religiosas e para a desigualdade profissional.

Por outro lado, a introdução do cristianismo no contexto africano, especialmente nas Américas, refletiu uma natureza eurocêntrica e estadunidense, impondo-se sem considerar as práticas culturais e religiosas africanas. Esse processo resultou no apagamento e repressão das práticas

locais, ignorando a riqueza da cultura africana. Judeus, hereges, indígenas e negros foram profundamente afetados por essa imposição colonial, na qual o cristianismo subjugou suas culturas, evidenciando a falta de diálogo e compreensão entre as tradições.

A narrativa da história do cristianismo nas terras brasileiras vai além de um mero acidente de percurso; ela representa uma falha grave na consciência do povo que já habitava essas terras e daqueles que foram trazidos como escravizados. Este capítulo sombrio da história envolveu a imposição do cristianismo, forçando os povos originários e os africanos escravizados a renunciarem às suas próprias crenças antes mesmo de deixarem seus locais de origem. Esse processo não apenas resultou em apagamento cultural, mas também testemunhou a negação da liberdade espiritual e da autonomia religiosa desses grupos, marcando uma dolorosa interseção entre colonização, escravidão e a imposição de uma fé alheia. Reconhecer essa falha é crucial para uma compreensão mais profunda das complexidades e impactos duradouros do encontro entre diferentes tradições religiosas nas Américas.

Diante dos desafios atuais no Brasil, é crucial considerar novos paradigmas nas práticas políticas, econômicas e religiosas, abrangendo catolicismo, religiões de matriz africana (notadamente em comunidades quilombolas) e pentecostalismo. O país deve se libertar de uma cartografia global que envolve processos sociopolíticos e culturais, reconhecendo as expressões religiosas como parte de sua história dinâmica.

As escolhas religiosas de D. Josefa e Maria não refletem apenas suas crenças pessoais, mas são influenciadas pelo contexto histórico, social e cultural. A presença do catolicismo e dos mitos da democracia racial no Brasil impacta suas percepções de gênero e poder nas práticas religiosas, revelando a complexa interconexão entre dinâmicas sociais, gênero, raça, poder, religião e teologia que moldam suas experiências.

D. Josefa ainda tenta manter a dança de roda como resistência na comunidade de Sítio Alto. Dona Josefa (*apud* Lacerda, 2017, p. 132), comenta o seguinte,

a dança é saúde. Naquele tempo ninguém tomava remédio. Tava nervoso? Resolvia na roda. O Marido estava estranho com a esposa? Ia para roda e resolvia no verso e na dança. Estava interessado em alguém? Ia para roda.

A dança, em Sítio Alto, sempre foi mais do que uma expressão cultural; era um meio de cura, resolução de conflitos e fortalecimento dos laços comunitários. No passado, era na roda que se dissipavam tensões, ajustavam-se relações e surgiam novos afetos. O movimento dos corpos não apenas narrava histórias, mas também preservava a saúde coletiva, funcionando como um remédio ancestral.

Maria, aos 45 anos e mãe de dez filhos, cresceu nesse ambiente onde a dança e a oralidade moldavam as interações sociais. No entanto, há cerca de quarenta anos, seu contato com o pentecostalismo na Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) marcou o início de outra trajetória espiritual. A IPDA teve passagem pelo quilombo antes de se estabelecer em Simão Dias, e Maria, posteriormente, aderiu ao pentecostalismo em uma igreja das Assembleias de Deus dentro da comunidade. Sua relação com a fé aprofundou-se na leitura comparativa entre versões católicas e protestantes da Bíblia, percebendo poucas diferenças textuais, mas fortalecendo sua devoção e compromisso religioso.

Esse processo de mudança também impactou sua relação com a dança. Enquanto a roda simbolizava a resolução de problemas e a celebração da vida, a conversão trouxe novas interpretações sobre o corpo, o sagrado e as manifestações culturais locais. Maria tornou-se parte dessa ressignificação, navegando entre memórias ancestrais e novos valores espirituais, refletindo as transformações vividas pela comunidade.

Contudo, a origem religiosa de Maria remonta à Umbanda. Durante uma longa conversa sob a sombra de uma árvore no quilombo, Maria compartilhou sua história. Ela foi criada por sua madrinha, D. Raimunda Lima da Silva, a líder do Centro de Umbanda na Bahia. D. Raimunda, filha de Ogum, contou à Maria que quando se preparava para receber entidades espirituais em seus rituais, era Maria quem a auxiliava a se vestir (Correa, 2017).

Indagada sobre como interpreta os rituais da Umbanda e suas práticas atuais, Maria expressou que considera essas práticas normais. Ela enfatizou que não vê conflito entre as diferentes crenças e acrescentou: “O que realmente importa é o coração das pessoas”. No entanto, Maria também relatou que enfrentou várias repreensões da comunidade local, chegando a ser chamada de “louca”. Em um evento de celebração católica no quilombo, Maria tentou auxiliar na organização da igreja e foi humilhada por mulheres católicas da comunidade. De acordo com suas narrativas, foi o padre Rodrigo, responsável pelas missas na Igreja Católica do quilombo Sítio Alto, quem a defendeu nessa situação.

Maria possui uma conexão significativa com um pastor da Igreja Batista, a quem considera seu “Pai espiritual”, e foi consagrada pastora em dezembro de 2022. Apesar de sua educação formal limitada, lidera vinte e três grupos de oração em diferentes estados do Brasil, incluindo dois no exterior. Maria está aprendendo idiomas para expandir suas atividades e tem o objetivo de fundar sua própria igreja no futuro. Em relação às religiões afro-brasileiras no Quilombo, Maria é frequentemente procurada para fornecer “orientação espiritual”, indicando um relacionamento mais harmonioso com os adeptos dessas religiões em comparação com os membros da comunidade católica.

No entanto, sua fala às vezes se contradiz quando nega ter sido adepta da Umbanda e justifica as tensões e discriminação que enfrenta por parte da comunidade católica. Apesar de negar que a Umbanda seja sua religião principal, ela parece ter conhecimento sobre quais moradores do quilombo são adeptos dessa religião. Isso levanta a possibilidade de que Maria tenha uma relação mais próxima com a comunidade afro-brasileira, uma vez que ambos, Maria e os seguidores das religiões afro, enfrentam preconceito e discriminação na comunidade. Essa proximidade pode ser uma estratégia para enfrentar de forma mais eficaz o preconceito e a discriminação que a sociedade lhes impõe, mesmo que de maneira implícita.

Atualmente, há uma tensão religiosa entre mãe (D. Josefa) e filha (Maria), que se tornou pastora e foi afastada do quilombo após essa conversão. Um aspecto relevante é o contraste entre D. Josefa, uma umbandista e matriarca do quilombo, e sua filha Maria, uma pentecostal, ambas ocupando posições de poder e visibilidade no quilombo. D. Josefa, segundo Maria, acredita que sua filha não precisava liderar a igreja pentecostal para evitar a criação de mais problemas para a comunidade. Pode-se questionar se duas mulheres ocupando posições religiosas distintas no futuro causariam problemas para a comunidade, ou não? Isso representa uma ruptura com as ideologias arraigadas no Brasil colonial, marcadas pela supremacia masculina e pelo patriarcalismo, que ainda persistem na contemporaneidade?

Lélia Gonzalez (2020, p. 16), em seu livro “Por um Feminismo Afro Latino América: Ensaio, Intervenções e Diálogos”, aborda as representações da mulher negra, destacando os estereótipos que historicamente restringiram seu papel na sociedade. Desde o papel de mucama a mulata profissional, de mãe preta a doméstica, as mulheres negras enfrentaram uma linha difusa entre a esfera doméstica e o mundo do trabalho. Essa questão continua relevante no contexto do feminismo negro contemporâneo.

No caso de Maria, embora seja uma líder importante na igreja do quilombo, ela ainda depende das tarefas de faxina que realiza em casas de famílias para seu sustento. Maria não vê esse trabalho como pesado, pois seu objetivo é abrir uma igreja para ajudar os menos privilegiados, “em vez de enriquecer à custa dos sacrifícios alheios”. Suas palavras revelam uma visão particular sobre a relação entre a esfera doméstica e o mundo do trabalho, desafiando a definição tradicional de papéis, como mencionada por Lélia Gonzalez. Para Maria, o trabalho doméstico é um destino reforçado, e a ideia de buscar uma carga melhor não parece fazer parte de seus planos. Contudo, mesmo sem perceber, Maria desafia diariamente os antigos padrões de submissão e fragilidade histórica de impostos às mulheres negras<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Conversa via dispositivo WhatsApp em 26/07/23, às 16h:19min.

Lélia Gonzalez inaugurou um eixo fundamental no pensamento feminista (2020): abordar, confrontar e desconstruir representações essencialistas das mulheres negras. Isso envolve explorar as diversas conexões relacionadas ao feminino, indo além dos padrões imaginários da sociedade, que muitas vezes envolvem conceitos de tolerância, submissão e fragilidade.

Maria, mesmo sem ter plena consciência disso, desempenhou um papel significativo ao inaugurar o eixo mencionado por Lélia Gonzalez, que é fundamental no pensamento feminista. Ao se converter ao pentecostalismo e assumir uma posição de liderança na igreja, Maria inadvertidamente desafiou representações essencialistas das mulheres negras. Sua trajetória envolve a exploração de diversas conexões relacionadas ao feminino que vão além dos padrões imaginários da sociedade, os quais muitas vezes englobam conceitos de tolerância, submissão e fragilidade. Maria, por sua ousadia e liderança, confrontou essas representações, contribuindo para uma visão mais aberta e inclusiva das mulheres negras em sua comunidade e na sociedade em geral. Suas ações inadvertidamente lançaram luz sobre a necessidade de desconstruir estereótipos e abordar a rica diversidade de experiências das mulheres negras, o que é um passo importante no contexto do feminismo e da luta pela igualdade de gênero.

Por outro lado, será que Dona Josefa ainda considere o patriarcalismo presente em sua comunidade e, talvez, acredite que Maria não consiga subverter o espaço do quilombo onde ambos vivem? Essa questão, na nossa visão como pesquisadora, ainda apresenta muitas nuances que permanecem obscuras. Explorar as complexidades de gênero no contexto do pentecostalismo no quilombo do Sítio Alto é uma tarefa que busca trazer à luz as mudanças epistemológicas que impactam profundamente as subjetividades e as relações de poder nessa comunidade.

### ***3 Gênero, espiritualidade e resistência: novos horizontes na epistemologia do Sul***

Neste contexto de profundas mudanças culturais e sociais, a interseção entre gêneros, espiritualidade e resistência emergem como um terreno fértil para exploração e reflexão. Neste artigo, embarcamos em uma jornada de descoberta que busca novos horizontes na epistemologia do Sul, destacando como as experiências, narrativas e desafios das identidades de gênero se entrelaçam com a espiritualidade em suas diversas manifestações. Ao vender teias complexas que conectam gênero, espiritualidade e resistência, procuramos iluminar a rica tapeçaria de vozes e experiências que desafiam normas condicionais e promovem uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais. Nossa análise é

guiada pela ideia de que, ao examinar a influência da epistemologia do Sul nesse contexto, podemos vislumbrar novas perspectivas que ampliam o entendimento das complexidades do gênero e da espiritualidade em um mundo em constante transformação. Assim como em toda a América e de maneira particular no interior de Sergipe, os negros escravizados no Brasil resistiram de diversas formas à escravidão. As comunidades quilombolas, símbolos de resistência, esforçam-se para manter viva a memória e a identidade de seus antepassados africanos que sofreram nas mãos da escravidão. O quilombo do Sítio Alto, assim como tantos outros em todo o território nacional, representa testemunhas vivas de uma população afrodescendente que sempre lutou e continua a lutar contra as sequelas da opressão escravocrata, que ainda os mantém à margem da sociedade majoritariamente branca.

Os desafios no campo da pesquisa exigem reflexão e adaptação constantes. Conforme destacado por Boaventura de Sousa Santos em sua obra *Epistemologia do Sul*, é fundamental “aprender que existe o Sul, aprender a ir ao Sul, aprender a partir do Sul e com o Sul” (1995 *apud* Meneses; Santos, 2009, p. 9). Aplicando essa perspectiva ao contexto dos quilombos, torna-se essencial considerar sua existência, aproximar-se dessas comunidades e construir pesquisas que sejam legítimas às suas culturas e narrativas. Mesmo para pesquisadores externos, é necessário adotar posturas que permitam experiências de experimentação, como se fossem “de dentro”. As possibilidades de uma investigação mais específica e significativa são criadas pela interação contínua com o campo, que se manifesta e se comunica de forma constante.

Ênio José da Costa Brito, pesquisador da religiosidade popular e das religiões afro-brasileiras, afirma que os estudos recentes sobre a vida cotidiana dessas comunidades revelam uma abordagem mais ampla e menos reducionista.

Superou-se uma visão bipolar da sociedade colonial que passou a ser vista como constituída por indígenas, escravos, senhores, libertos, imigrantes das mais variadas origens étnicas, inseridos em diversos contextos. Explicitando, a visão bipolar índios-europeus não dá conta de uma realidade complexa, polimorfa e polifônica da colônia (Brito, 2020, p. 36).

Diante do exposto, torna-se necessário adotar um olhar criterioso para as fontes, reconhecendo a diversidade antropológica como base para a construção das categorias pelas quais essas comunidades são pensadas e descritas. “É fundamental considerar as diferenças internas presentes nessas perspectivas, que envolvem percepções específicas e estratégias específicas” (Brito, 2020, p. 37). De um lado, destacam-se as percepções subjetivas; de outro, as transformações que ocorrem ao transcrever essas experiências para o registro escrito.

Para Brito (2020, p. 37),

sem perceber as diferenças dos universos culturais, dos olhares desses viajantes não se compreende a construção do “eu ocidental” através da conceituação do “outro”; a percepção e posturas diversificadas do “outro”, do indígena diante do colonizador e de suas ações [...].

Igualmente pertinente é a avaliação de Ronilso Pacheco (2019, p. 12-13), sobretudo quando ele assegura que,

violência e racismo seguem marcando o pecado estrutural no Brasil, e nossas igrejas estão atreladas a uma letargia em que pouco se expõe a construir na, e a partir da, rua. Carecemos de uma resistência alternativa e de uma efetiva denúncia da violência desejada pelo Mercado e gestada pelo Estado, e moralizada pela igreja.

Dentro desse raciocínio, pesquisadores e pesquisadoras lentamente vão abandonando “o paradigma dominador/dominado, resistência/assimilação forçada” (Brito, 2020, p. 37) sem dar conta da complexidade das relações históricas e dos processos de definição identitária, por estarem inseridos dentro de uma cultura eurocêntrica desde sempre. É correto afirmar que temos visão linear da história da colonização da América Latina, de mentalidade colonialista e eurocêntrica.

Brito destaca a necessidade de um olhar mais atento e diversificado sobre a sociedade colonial, superando a visão bipolar simplista de índios versus europeus. Isso ressalta a complexidade e diversidade das realidades coloniais e a importância de considerar as diferentes perspectivas e estratégias de diferentes grupos dentro desse contexto. Além disso, as palavras de Ronilso Pacheco enfatizam a persistência da violência, do racismo e da complacência institucional no Brasil, incluindo nas igrejas. Isso destaca a necessidade de uma resistência alternativa que denuncie a violência sistêmica promovida pelo mercado, sancionada pelo Estado e até mesmo justificada pela religião.

Ambos os autores apontam para a importância de uma reavaliação da história e das identidades, afastando-se de paradigmas simplistas e eurocêntricos e reconhecendo a complexidade das relações históricas. Isso chama a atenção para a necessidade de uma abordagem mais aberta e inclusiva que considere as vozes e experiências dos grupos historicamente marginalizados, desafiando assim a mentalidade colonialista arraigada na cultura eurocêntrica.

Um dos elementos da colonialidade construídos e específicos do padrão mundial é o poder capitalista. Segundo Aníbal Quijano (2009, p. 73) este poder

sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América.

Para Quijano (2009, p. 74),

com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e no mesmo movimento históricos, o emergente poder capitalista torna-se mundial, os seus centros hegemónicos localizam-se nas zonas situadas sobre o Atlântico – que depois se identificarão como Europa – e como eixos centrais do seu novo padrão de dominação estabelecem-se também a colonialidade e a modernidade. Em pouco tempo, com a América (Latina) o capitalismo torna-se mundial, eurocentrado, e a colonialidade e modernidade instalam-se associadas como eixos constitutivos do seu específico padrão de poder, até hoje.

Quijano especifica que colonialidade é um conceito “diferente de, ainda que vinculado a Colonialismo” (2009, p. 73). Em relação ao Colonialismo, ele esclarece que

refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial (Quijano, 2009, p. 74).

Na perspectiva de Quijano, o Colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a colonialidade, como demonstrada nos últimos 500 anos, revela-se “mais profunda e rigorosa que o colonialismo”. Sob outra ótica, Ronilso Pacheco (2019, p. 15-16) afirma que é necessário descolonizar o conceito de “Reino de Deus” e “exorcizar o racismo”. Diz ainda:

o racismo no Brasil exige profundo arrependimento de uma herança colonial-escravocrata que permanece atuante nas relações sociais brasileiras. Todas as relações sociais brasileiras. Inclusive na igreja. Sem este arrependimento profundo e crítico, considero difícil que, de maneira geral, o racismo seja estremecido no Brasil, e, de maneira particular, que o racismo seja desmascarado em muitas de nossas igrejas, ou identificado na teologia de muitas delas. Sim, porque o exorcismo deste demônio, o racismo, exige jejum e oração (Pacheco, 2019, p. 17).

Quijano destaca a ideia da colonialidade do poder como um elemento central na construção da sociedade global. Ele argumenta que essa classificação racial e étnica da população foi fundamental para o surgimento e a expansão do poder capitalista. Essa classificação racial influenciou todos os aspectos da vida social, e ele acredita que ela se originou nas Américas, especialmente na América Latina. O autor distingue entre colonialidade e colonialismo. Ele sugere que o colonialismo é uma estrutura de dominação e exploração, enquanto a colonialidade é uma construção mais profunda e duradoura que persiste por séculos. Isso é importante para entender como as relações de poder ainda são moldadas pela colonialidade, mesmo após o fim do colonialismo formal.

Para Pacheco, o Brasil precisa enfrentar o racismo e a herança colonial-escravocrata por meio de um profundo arrependimento. Ele enfatiza que

o racismo é um pecado estrutural no Brasil e que a igreja também precisa reconhecer seu papel na perpetuação do racismo. O autor usa a metáfora do exorcismo para descrever o processo de superar o racismo. Ele acredita que isso requer esforços significativos, como jejum e oração, para remover o racismo das instituições religiosas e da sociedade em geral.

Em outra linha de raciocínio, João Décio Passos (2005, p. 51), analisa as diversas expressões cristãs no Brasil, que se desenvolveram em um contexto de colonização portuguesa e mediações entre povos de diferentes identidades culturais. Essas influências históricas legaram às instituições religiosas no Brasil traços de um catolicismo popular arraigado na alma do povo brasileiro, inclusive com implicações na esfera política ao longo da história do país.

Passos (2005, p. 52) também destaca a evolução do cenário religioso com a ascensão do pentecostalismo no início do século XX, relacionando-o à transição de uma sociedade e cultura predominantemente rurais para uma sociedade urbana em constante crescimento. O pentecostalismo se mostrou capaz de ocupar o espaço deixado pelo tradicionalismo católico nas grandes cidades, reorganizando a vida religiosa dos fiéis. Nesse processo, o pentecostalismo absorveu práticas do catolicismo popular, revelando fragilidades institucionais do catolicismo romano, especialmente em áreas distantes dos centros urbanos, onde o clero era escasso. Essa mudança resultou na preservação de elementos do catolicismo popular e na produção de representações religiosas autônomas, muitas vezes em conflito com o catolicismo oficial.

As práticas pentecostais cotidianas dessa vertente cristã permaneceram, por décadas, relegadas às margens do campo religioso brasileiro, devido à falta de reconhecimento por parte do catolicismo. Diante disso, torna-se urgente a elaboração de novos referenciais teóricos e metodológicos para compreender os pentecostais no país. É fundamental analisar e comparar os elementos presentes nas liturgias, símbolos e rituais da comunidade tradicional quilombola do Sítio Alto, que são marcados por práticas religiosas de matrizes africanas. Como essas tradições dialogam com a sociedade e a cultura contemporânea? (Correa, 2020, p. 21-22).

A passagem do catolicismo para o pentecostalismo na comunidade quilombola de Sítio Alto representa mais um ciclo de ressignificação religiosa e cultural. Anteriormente, as práticas ancestrais já haviam sido reinterpretadas dentro do catolicismo, e agora, com a crescente influência pentecostal, novas adaptações e tensões emergem. Esse processo, contudo, não ocorre sem rupturas, pois implica o abandono ou a reformulação de elementos tradicionais profundamente enraizados, como o uso das ervas e a relação espiritual com a terra.

De certa forma, essa nova configuração religiosa pode levar ao apagamento de aspectos fundamentais da cultura e da ancestralidade da comunidade.

Esse fenômeno reflete um padrão histórico mais amplo, no qual dinâmicas de poder – sejam religiosas, políticas ou econômicas – se entrelaçam, moldando as experiências e identidades coletivas. Tal cenário remete à metáfora bíblica evocada por Faoro (2008, p. 817, *apud* Xavier; Correa, 2023, p. 5): “deitou-se remendo de pano novo em vestido velho, vinho novo em odres velhos, sem que o vestido se rompesse, nem o odre rebentasse.”

Ao tomar o pentecostalismo brasileiro como objeto de estudo, um segmento que enfatiza o agir do Espírito Santo, pode-se afirmar que práticas advindas do passado persistem como alicerces para os grupos gestores (pentecostais), “que se beneficiam dessa colonialidade” (Xavier; Correa, 2023, p. 6). Esses gestores profetizam em prol das classes mais favorecidas e brancas, enquanto obscurecem o crescimento de seus agentes religiosos que ocupam posições minoritárias nas comunidades periféricas, compostas em sua maioria por homens e mulheres negras (Xavier; Correa, 2023, p. 6).

D. Josefa, figura central neste contexto, enfrenta internamente uma angústia complexa ao conciliar práticas das religiões de matrizes afro com os rituais católicos, sendo compelida, em última instância, a aceitar as práticas pentecostais. Este cenário a coloca em uma encruzilhada, vivendo no limiar entre “céu” e “inferno”, onde a necessidade de fazer arranjos entre mundos aparentemente antagônicos é constante. Sua experiência reflete a luta entre tradições profundamente enraizadas e a pressão para aceitar novas práticas religiosas, proporcionando um panorama das fronteiras religiosas vivenciadas em comunidades como essa.

As trajetórias religiosas de Dona Josefa e Maria evidenciam como a transformação religiosa no quilombo ocorre de maneira complexa e, por vezes, conflitante. Dona Josefa, profundamente enraizada nas práticas tradicionais e na Umbanda, representa uma liderança comunitária que valoriza a ancestralidade e o cuidado com a terra. Já Maria, ao se tornar pastora pentecostal, se alinha a uma visão religiosa que rejeita práticas ancestrais, mas que, paradoxalmente, reforça sua posição como liderança feminina na comunidade. Embora ocupem espaços de poder, suas crenças geram tensões que refletem disputas mais amplas sobre gênero, religião e território. Esse embate não é apenas familiar, mas simbólico das transformações que moldam a identidade quilombola contemporânea.

## *Considerações finais*

Este artigo buscou compreender as complexas interseções entre transformação religiosa, gênero, cultura e meio ambiente na comunidade quilombola de Sítio Alto. Ao longo da análise, destacou-se como essas dimensões se

entrelaçam, moldando práticas, formas de resistência e dinâmicas sociais que refletem a riqueza histórica e cultural da comunidade.

As práticas tradicionais do quilombo, como o uso de ervas medicinais, a conservação de sementes crioulas e a dança de roda, revelam uma profunda integração entre cultura, espiritualidade e modos de vida. Essas manifestações não se restringem a uma função prática, mas são elementos fundamentais da identidade coletiva. Além disso, essa relação não ocorre de forma isolada, mas permeia todo o processo de transformação religiosa e social da comunidade.

A passagem do catolicismo e das religiões de matriz africana para o pentecostalismo introduziu novas formas de espiritualidade, mas não eliminou completamente os elementos de preservação ambiental. Como visto, Dona Josefa, líder comunitária, mantém vivas práticas que conciliam cuidado com a terra e espiritualidade, demonstrando como a religiosidade pode ser um veículo para a sustentabilidade. Essa integração reflete estratégias de resistência cultural frente à colonialidade, que historicamente dissociou espiritualidade e meio ambiente em favor de uma lógica exploratória.

A interação entre diferentes tradições religiosas no quilombo de Sítio Alto reflete um processo contínuo de ressignificação cultural. Embora a ideia de mestiçagem tenha sido amplamente utilizada para descrever a fusão de culturas no Brasil, como destacam Gilberto Freyre e Buarque de Holanda, no contexto quilombola, esse processo ocorre por meio da resistência ativa e da preservação de saberes ancestrais. O catolicismo, o pentecostalismo e as práticas afro-brasileiras não apenas coexistem, mas também geram tensões e disputas por legitimidade dentro da comunidade.

Além disso, as lideranças femininas, representadas por Dona Josefa e sua filha Maria, evidenciam a interconexão entre gênero e meio ambiente. A continuidade de práticas tradicionais, como a dança de roda e o cultivo de ervas, resiste às pressões externas de homogeneização cultural e religiosa, ao mesmo tempo que reforça o papel das mulheres como guardiãoas da sustentabilidade e da identidade comunitária. Nesse sentido, as transformações religiosas não são apenas rupturas, mas também processos que reafirmam ou reconfiguram saberes tradicionais relacionados ao meio ambiente.

Essa perspectiva reforça a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que integre questões de gênero, espiritualidade e meio ambiente de forma coesa. O uso de referenciais decoloniais, como os de Boaventura de Sousa Santos e Lélia Gonzalez, permite uma leitura mais abrangente das práticas culturais e religiosas, reconhecendo sua relevância para a sustentabilidade e a justiça social.

Este estudo demonstrou que a transformação religiosa na comunidade quilombola de Sítio Alto não se limita à esfera espiritual, mas também impacta relações de gênero, cultura e meio ambiente. Ao longo do tempo, as práticas tradicionais foram ressignificadas, primeiro pelo catolicismo e, mais recentemente, pelo pentecostalismo, gerando novas formas de resistência e adaptação dentro da comunidade.

### *Referências bibliográficas*

ABELHA, C. Dona Josefa – Quilombo Sítio Alto, SE. 25 fev. 2021. Vídeo Youtube (1h7min20). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-VWT0ql-S\\_Y#:~:text=A%20comunidade%20S%C3%ADtio%20Alto%20est%C3%A1%20localizada%20no,local%2C%20totalizando%20505%20habitantes%20segundo%20dados%20da](https://www.youtube.com/watch?v=-VWT0ql-S_Y#:~:text=A%20comunidade%20S%C3%ADtio%20Alto%20est%C3%A1%20localizada%20no,local%2C%20totalizando%20505%20habitantes%20segundo%20dados%20da). Acesso em: 26 mai. 2024.

BENTO, C. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SANTOS, B. de S; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Ed. Almedina, 2009.

BRITO, E. J. C. *Veredas Interculturais: leituras decoloniais sobre religião, história e literatura*. São Paulo. Editora Recriar, 2020.

CORREA, M. A. O. S. Comunidades tradicionais quilombolas do sítio Alto e Mocambo: entre os rituais afro e as práticas pentecostais. *Tear Online*, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 19-33, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/tear>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CORREA, M. A. O. S. *Diário de bordo: Visitas aos quilombos de Sergipe*. Quilombo do Sítio Alto. Sergipe, 2017.

CONE, J. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, F. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, disciplinas e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HASENBALG, C. A. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

KRENAK, A. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2022.

LACERDA, R. dos S. *Territorialidade, saúde e meio ambiente: conexões, saberes e práticas em comunidades quilombolas de Sergipe*. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2017.

PACHECO, R. *Teologia negra: o sopro antirracista do espírito*. São Paulo: Novos Diálogos, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de S; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Ed. Almedina, 2009. p. 72-117.

SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PASSOS, J. D. (Org.). *Movimento do Espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005.

Artigo submetido em 24.09.24 e aprovado em 15.01.25.

**Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa** Doutora e pós-doutoranda em Ciências da Religião pela PUC-SP. Realizou dois estágios de pós-doutorado: um na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e outro na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do RELEP – Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais. Membro e Vogal do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA. Membro do Grupo de Estudos Protestantismo e Pentecostalismo – GEPP – PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Mandrágora/Netmal (UMESP). Orcid.org/0000-0002-8960-8631. E-mail: marinasantoscorrea@gmail.com

**Endereço:** Av. Júlio Buono, 605, apto. 11.  
02.201-000 São Paulo, Capital.

Editores: Franklin Alves Pereira e Márcia Eloi Rodrigues